



Rafael de Souza Luppi Monteiro

EVIL HEAT

Inspirado pelo álbum homônimo de **PRIMAL SCREAM**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

EVIL HEAT
RAFAEL DE SOUZA LUPPI MONTEIRO

uma história inspirada por
EVIL HEAT
PRIMAL SCREAM

SÃO PAULO, ABRIL DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY RAFAEL DE SOUZA LUPPI MONTEIRO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

EVIL HEAT

RAFAEL MONTEIRO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Deep hit of morning sun
2. Miss Lucifer
3. Autobahn 66
4. Detroit
5. Rise
6. The lord is my shotgun
7. City
8. Some velvet morning
9. Skull X
10. A skanner darkly
11. Space blues Nº2

EVIL HEAT PRIMAL SCREAM

LANÇAMENTO: **2002**
SELO: **SONY**



EVIL HEAT

RAFAEL DE SOUZA LUPPI MONTEIRO

UM FUNERAL

Ao segurar uma das alças do caixão de seu filho, Roberto chorou copiosamente. Até onde teria culpa no destino de seu filho? O pior de tudo era o calor. Esse havia sido o verão com as maiores temperaturas em muitos anos. E justo no último dia da estação, Deus parecia haver caprichado — o sol estava escaldante, céu azul, sem nuvens. Um péssimo dia para se estar de preto. Ao menos era bonito o dia em que todos se despediriam de Hugo. Apenas onze anos, isso não é idade para alguém morrer.

Junto com a família, estavam os amigos e vizinhos. Ninguém ainda havia entendido o que havia acontecido. Foi tudo tão repentino. Ninguém sabia ao certo como reagir, se com indignação ou tristeza.

Joana, a mãe de Hugo, estava a base de calmantes. Agarrava-se a avó do garoto, Dona Gertrudes, que sabe-se de onde tirava forças para consolar a filha. Talvez pelo fato de já ter perdido um filho de maneira estúpida, ou apenas cumprindo seu dever como mãe, a senhora de setenta anos mantinha-se como uma rocha, tentando passar uma tranqüilidade que sabia ser necessária nessa hora.

Finalmente chegaram ao local onde o corpo seria enterrado. O buraco já estava pronto, esperando pela cerimônia funerária. A missa já havia sido realizada, então não houve últimas palavras. O caixão apenas foi colocado em seu devido lugar. Depois, os coveiros foram cobrindo-o de terra, até que o

buraco estivesse preenchido. Simplesmente assim, sem epifanias, sem choros extras, sem nem ao menos um adeus. Apenas um tijolo preenchendo um espaço vazio, e tudo se acabou.

DANIEL ESTÁ CHEGANDO

Rosana acabara de chegar à casa de Camila, que discutia com seu irmão, Guilherme, sobre o novo morador que havia chegado ao condomínio. Moravam em um condomínio chamado Green Valley, na região oceânica da cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro. Rosana tinha quatorze anos, mesma idade de Camila. Guilherme era um ano mais velho.

— Sei lá, o cara tem cabelo grande, deve ser viado! — ria Guilherme. — Que nada, ele é bonitinho! Aposto que a Rosana vai pegá-lo, não vai? Ele deve gostar de meninas de cabelos rosa!

— Nem vi o cara, vocês é que estão querendo empurrá-lo para mim! — Rosana havia pintado o cabelo três dias antes. É justo dizer que a cor combinava com sua pele branca e olhos verdes. Camila dizia que ela parecia ter saído de algum *anime*.

— Não que você possa reclamar! Ainda é B.V. — disse Camila. Rosana não achava graça de ser zoada por ainda não ter beijado ninguém. Mas parece que esta opinião não era compartilhada por seus colegas, que riam bastante da cara de raiva que ela fazia.

— Em compensação, se o cara gostar de baixinhas você tem alguma chance — revidou, mostrando a língua para a amiga.

NEGÓCIOS À PARTE

— Vamos entrando aí, que vou mostrar a parada para vocês!

Rômulo e Guilherme eram os primeiros do condomínio a entrar na casa de Daniel, que já morava há uma semana em sua nova casa. Ele estava com dezesseis anos, longos cabelos negros em um rabo-de-cavalo. Sua pele era branca, seus olhos negros, alguns fios de barba ainda não muito grossos, altura mediana.

— Aqui está! O bar do meu pai! — os garotos olharam maravilhados, nunca haviam visto tanta bebida antes. — Ele sempre compra em toda viagem que faz, ou ganha de presente, mas raramente bebe. Quem está com o copo?

— Tá aqui! — Rômulo era quem segurava o copo. Havia sido dele, um menino de quinze anos, gordo, de óculos, olhos e cabelos castanhos, a ideia de visitar a casa de Daniel atrás de bebida.

— Legal! Trouxeram o dinheiro?

Cada um então entregou cinco reais a Daniel, que guardou as notas no bolso.

— Bem, tem vinho chileno, francês, cachaça, tequila, uísque 12 anos... O que vocês vão querer?

— Não sei... Tanta coisa para escolher — Guilherme realmente estava indeciso.

— Olha, eu poderia oferecer mais, só que realmente não sei se o velho checa

as garrafas. Se ele notar que andaram bebendo o bicho pode pegar para mim, ele não costuma perdoar as merdas que faço.

— Tá tranquilo, cara! E a idéia foi nossa mesmo! — disse Rômulo.

— Beleza então! Mas o que os senhores desejam afinal? — Daniel ria da indecisão dos colegas.

— Quer saber... vou de bebida de macho! Uísque puro! — decidira finalmente Guilherme!

— Eu também!

Cada um serviu-se de um copo da bebida, primeiro Rômulo por ter dado a idéia. Daniel não resistiu e também bebeu. Todos riram, estavam excitados por finalmente terem bebido algo com álcool, nada de “bicadinha” no chopp do pai.

— Sabem, sou um cara muito generoso. Vamos beber um pouco de cachaça também. Afinal, com esse calor, temos que ingerir líquidos para não desidratarmos!

— Isso aí! Você é um cara muito gente boa! — Rômulo era o mais empolgado dos três.

Desta vez, cada um virou uma generosa dose de cachaça. Logo estavam embriagados.

Neste instante entrou Hugo, o irmão de Daniel, que possuía onze anos.

— O que é que vocês tão fazendo aí?

— Estamos rezando! — Guilherme falou entre risos.

— Não vai contar nada pra ninguém, hein, moleque? — Daniel era o único sério do grupo no momento. — Se nosso pai descobrir, tô fodido!

— Pra que eu ia contar? Não quero ninguém sabendo que tenho um irmão cachaceiro!

— Vai à merda!

— Acabei de sair do seu quarto!

— Porrada! — gritou Rômulo. Todos fizeram sinal de silêncio, os pais de Daniel e Hugo estavam chegando em casa.

— Vamos embora! — disse Daniel. Hugo foi o único que ficou em casa.

Foram então para a rua jogar bola, o que era algo cômico porque mal se agüentavam em pé. Havia uma quadra no condomínio, com traves, rede de vôlei e cestas de basquete, que era para onde sempre iam jogar ou bater papo. Como era noite, tiveram que ligar às luzes da quadra e torcer para ninguém vir encher o saco.

— Segura aí! — Guilherme atingiu com uma bolada a cara de Rômulo, que caiu no chão, rindo, e não conseguiu mais levantar.

— Caaaaaaara.... Muito bom, temos que fazer isso sempre — ria o gordinho.

Rosana e Camila estavam vindo do centro da cidade e mal acreditavam na cena.

— Vocês são loucos! — ria Camila. Rosana apenas concordava, com gargalhadas.

— Rosana, me amarro nesse seu cabelo rosa! — declarou Daniel, envergonhando a garota.

— Ae! Finalmente vai se dar bem! — Guilherme fez questão de gritar, deixando Rosana com a face vermelha.

— Que nada! É que ele tá pensando em pintar o cabelo da mesma cor! — Rômulo fez todos rirem até não mais aguentarem.

Aos poucos a onda dos garotos foi passando, e eles apenas ficaram sentados pelo resto da noite conversando. Depois de um tempo, Rosana e Daniel estavam abraçados, ficando assim até a hora em que todos foram para suas casas.

PRIMEIRO BEIJO

Daniel estava empolgado com o furo que acabara de fazer na orelha esquerda. Rosana o havia acompanhado até a galeria perto do condomínio, onde havia um estúdio de tatuagem que possuía um *body piercer*. Como era sua primeira vez, Daniel optou por algo discreto: um pequeno brinco dourado.

— O que achou?

— Ficou legal, tá combinando com você.

— Sério mesmo? — o garoto estava bem contente, fizera algo que sempre quisera. E pela cara de Rosana, ela realmente havia gostado. — Vamos tomar um sorvete?

Ambos caminharam de mãos dadas até a sorveteria localizada no segundo andar da galeria. Daniel, que estava vestido todo de preto, comprou um sorvete de chocolate, Rosana — vestida com uma calça jeans azul e uma camiseta rosa — de morango. Depois sentaram num banco de madeira com lugar para três pessoas.

— E aí, o que achou do sorvete? — ele perguntou, enquanto fazia um cafuné no cabelo rosa de sua amiga.

— Gostei sim. Adoro morango!

— Será que é por causa da cor? Cabelo, roupa, tudo rosa? — ele perguntou com um sorriso sincero.

— Achei que você gostasse...

— E gosto!

Ambos olharam-se nos olhos, se aproximaram. Daniel fez um carinho no rosto dela, que apenas sorriu. Em seguida, se beijaram pela primeira vez.

Não foi um beijo espetacular, pelo contrário. Daniel já tinha alguma experiência, mas não muita. Já Rosana pela primeira vez dava um beijo na boca. Mas continuaram se beijando, e logo foram pegando o jeito. Depois ficaram um tempo apenas abraçados, dando alguns beijinhos ocasionais. A noite chegou e tiveram de ir embora. Mas combinaram de se ver no dia seguinte.

SUSPEITAS

— Onde você está indo? — perguntou Roberto, deixando de prestar atenção nas notícias sobre a guerra no Oriente Médio para conversar com o filho. Roberto estava sentado no sofá da sala, com a luz apagada — só a TV trazia alguma iluminação ao recinto.

— Vou encontrar com minha namorada — respondeu Daniel. Estava mais uma vez todo de preto, na camisa uma estampa com o símbolo do McDonalds em lápides, com um tanque de guerra com as cores da bandeira dos EUA ao fundo.

— Desde quando você tem namorada?

— Se você prestasse mais atenção no seu filho, já saberia disso! — Joana, sentada em outra poltrona, reclamava do marido, como vinha ocorrendo nos últimos meses, desde que descobrira que ele tinha uma amante. Joana estava com 38 anos, era loira, olhos castanhos. Seu rosto estava bastante envelhecido, resultado dos conflitos familiares dos últimos meses. Eles haviam se mudado para o condomínio justamente para que Roberto ficasse longe da amante, que era vizinha da família na antiga moradia. — É a Rosana, mora no final da rua. Gosto bastante dela, caso esteja interessado.

— Vamos deixar de história! — Roberto estava cada vez mais irritado, um sentimento comum nos últimos tempos. — Se você está namorando, ótimo, aproveite bastante!

— Estou aproveitando!

— Bom! Mas quero conversar contigo sobre outra coisa. Você por acaso anda bebendo no meu bar?

Daniel gelou, não sabia o que responder. Olhou para a mãe, que o olhava de volta.

— Não... Não, não estou bebendo.

— Pois alguém está — disse o pai, ainda desconfiado — e quero saber quem é!

— Se souber de algo, te aviso!

— Deixe de ser atrevido, rapaz!

— Confie no garoto! Ele nunca deu motivo para que não acreditássemos nele, ao contrário de outros presentes aqui na sala.

Roberto então se irritou e levantou-se, caminhando em direção à cozinha.

— Se cuida, filhinho!

— Pode deixar, mãe! — Daniel ria sempre que era chamado de filhinho, mesmo já tendo passado sua mãe em altura. Deu um beijo na testa dela e saiu para encontrar com Rosana. Mas ficou desconfiado, afinal não achava que tinha bebido tanto com os amigos. Era melhor tomar mais cuidado para não ser pego fazendo merda outra vez.

FILHINHO DA MAMÃE

Hugo era um esperto menino, de pele bem branquinha, cabelos e olhos negros. Era comunicativo e já mandava na molecada do bairro.

Ele e os demais meninos estavam jogando futebol na quadra numa tarde de sol quando Daniel, Rômulo e Guilherme chegaram.

— Hugo, vamos jogar na próxima! — disse Daniel ao irmão.

— Beleza, só falta um pro nosso time ganhar.

Logo o gol saiu. O novo jogou começou.

Rômulo e Daniel ficaram no mesmo time. Guilherme, que jogava melhor, ficou com Hugo. No time de Daniel estava Nuno, um moleque que também tinha onze anos, loiro de olhos verdes, cujo apelido era Sardento. No transcorrer do jogo, ele e Hugo começaram a se estranhar.

— Falta! — gritou Hugo ao levar um pisão de Nuno.

— Não fiz nada, nem vem!

— Porra, Sardento! Não vai marcar não?

— Vamos jogar, depois vocês namoram! — Guilherme, com a bola, simplesmente prosseguiu com o jogo e fez um gol.

Logo na saída de bola, Rômulo tocou para Nuno. Ele foi tentar driblar Hugo e levou uma rasteira, caindo feio no chão.

— Não foi nada! — Hugo, levantando os braços, tinha a cara mais cínica do mundo.

Nuno levantou e tentou acertar um soco em Hugo, mas este conseguiu desviar a tempo. As outras crianças que estavam jogando logo gritaram “Porrada!”. Foi quando Hugo resolveu reagir, acertando um direto de esquerda no nariz do Sardento. Este, quando percebeu que estava sangrando, foi para casa em lágrimas, ouvindo ainda a gozação dos outros garotos, que o chamavam de chorão.

Os garotos mais velhos não tomaram partido, apenas voltaram a jogar bola. Só que, ao chegar em casa, Nuno reclamou com a mãe do que Hugo tinha feito, e ela, por sua vez, foi tomar satisfação com Joana.

Quando os irmãos chegaram em casa, a mãe os estava esperando.

— O que foi que vocês aprontaram dessa vez? — ela não perguntou, ela berrou. Estava com raiva de Roberto, que acabara de ligar dizendo que não jantaria em casa naquela noite.

Daniel e Hugo se olharam, sem saber ao certo do que a mãe estava falando. Até que o mais novo lembrou-se da briga.

— Você tá falando da briga com o Sardento? É que ele é um fresco...

— Hugo, a mãe dele veio aqui reclamar que você quebrou o nariz do filho dela. E Daniel, ela disse que você viu tudo e não fez nada!

— Mãe, eu ia me meter na briga dos moleques? Eles que se entendam, não tenho nada a ver com isso.

— Não quero saber, só o que me falta é filho me trazendo problema para casa... Os dois estão de castigo esta noite!

— Mas que merda! — choramingou Hugo.

— E já falei que não quero essa linguagem na minha frente, mocinho!

— Você está sendo muito injusta! — indignou-se Daniel.

— A vida é injusta! Acho que essa é a maior lição que posso dar a vocês!
Agora sumam daqui! Já para o quarto!

Os dois, apesar de bastante irritados, não questionaram mais a mãe. Ambos dormiam no mesmo quarto, em um beliche. Daniel, por ser mais velho, dormia na cama de cima.

— O Sardento é um escroto chorão mesmo! Devia ter dado mais de um soco!

— Calma, Huguinho, que nossa hora vai chegar. Isso não vai ficar barato não.

No dia seguinte, Joana estava mais calma e liberou os garotos. Depois do almoço, Daniel tomou um longo banho, e foi com Rosana no cinema.

Foram ver um filme no shopping, era um terror bem fraquinho. Não que eles tivessem prestado muita atenção no trama, a principal ocupação deles foi se beijar quase sem descanso. Pegaram um ônibus para voltar, onde ele se lamentou com a namorada sobre o ocorrido durante o futebol.

— Dani, acho que você devia esquecer isso. É briga de criança...

— Eu sei, mas fico putado com injustiça... Foi sacanagem o que minha mãe fez!

— Ela tá nervosa com todos os problemas com seu pai.

— Foda-se meu pai! Ele não fica em casa, depois reclama que a gente o exclui da família. Isso é só desculpa para continuar comendo aquela vagabunda...

— Credo, Dani, se acalma. Parece até que você quer matar alguém!

— Desculpa, amor. Vem cá e me dá um beijo!

Quando chegaram ao condomínio, foram para a quadra, que estava vazia.
Ficaram namorando mais um pouco por lá, até dar a hora de ir para casa.

ROBERTO E JOANA

Era um sábado à tardinha. Roberto havia passado o dia fora. Quando chegou em casa, queria ir direto para cozinha beber um copo d'água. Só que mal entrou e Joana gritou:

— Lembrou que mora aqui, é? — ela estava no bar, bebendo uísque.

— Então é você que anda roubando minha bebida?

— Roubando? Eu também trabalho para botar dinheiro nessa casa, esqueceu? Sou psiquiatra, tenho consultório! Vai tomar no cu, seu escroto, eu bebo o quanto quiser!

— Joana, você está bêbada, não enche meu saco.

Ele deu as costas e foi para cozinha. Joana levantou e tentou arremessar o copo de vidro no marido. Mas não teve forças, o copo atingiu a mesa da sala e se espatifou.

— Sua maluca! Tem merda na cabeça? Podia ter me matado...

— Devo ter merda na cabeça sim, para ficar com um canalha como você!

— Chega, não agüento mais! Isso não é vida. Não agüento mais seu mau-humor, não agüento mais esses filhos mal agradecidos que têm tudo e só sabem reclamar!

— Não aguenta, é? Pois então vá embora!

— Vou sim! Quero o divórcio, entendeu? Chega dessa casa!

— Filho da puta! — Joana iniciou um choro dolorido, de quem sente uma

punhalada no peito — Vai ficar com aquela vagabundinha, vai! Aposto que ela quer te chupar, mas seu pau não sobe, seu impotente!

— Você tá passando dos limites! Olha aqui...

Neste instante o telefone tocou. Roberto foi atender, enquanto Joana apenas chorava sem parar.

— Olá... Sim, sou eu... Meu filho o quê?

Joana parou de chorar. Ficou observando o marido no telefone, ele parecia ter se perdido, mal conseguia falar, até que por fim desligou.

— O que houve, afinal?

— Joana, é o Hugo...

— O que tem ele?

Roberto abaixou a cabeça, passou as mãos pelo rosto, mas não conseguia falar. Isto foi deixando Joana desesperada.

— O que aconteceu com nosso filho? Fale, homem, pelo amor de Deus!

Roberto sentou no sofá e chorou.

FATALIDADE

A molecada do condomínio resolveu ir ao cinema naquele sábado. Escolheram uma comédia que parodiava os últimos *blockbusters* de Hollywood. Depois do filme, Rosana e Daniel continuaram no shopping, enquanto os demais foram voltar para casa de ônibus. Estavam indo em direção ao ponto de ônibus quando o sinal verde para pedestres começou a piscar. Todos saíram correndo, o único que ficou para trás foi Nuno, que, quando finalmente alcançou os demais, foi zoado por ser muito lerdo.

— Tinha que ser o Sardento mesmo. Sua lesma! — gritou Guilherme.

— Pô, nada a ver vocês me deixarem pra trás.

— Vai reclamar com a mamãe, vai — provocou Hugo.

— Seu babaca! — respondeu o Sardento.

— Quem você chamou de babaca? — Todos começaram a rir, achando que iriam assistir outra briga.

— Foi você mesmo, por quê?

— Vou te fazer engolir isso, seu escroto!

Hugo então partiu pra cima do Sardento. Tentou dar um soco neste, que foi mais esperto e desviou do golpe.

— Otário, não consegue me pegar!

Nuno saiu em disparada pela calçada. Hugo correu atrás, e facilmente o alcançou.

— Tá fodido! — gritou o irmão de Daniel com raiva. Acertou um soco na orelha do Sardento. Este reagiu dando um empurrão que desequilibrou Hugo, que acabou caindo no chão, no asfalto. Logo em seguida, um ônibus passou no local. O motorista ainda tentou frear, mas não houve tempo para evitar o pior: Hugo havia sido atropelado!

Os garotos todos ficaram desnorreados. Muitos choravam, outros apenas não acreditavam no que viam. O motorista do coletivo desceu para verificar qual era a situação de Hugo. Ao constatar que o menino estava inconsciente, lágrimas rolaram de seu rosto. Logo uma multidão se formou ao redor. Alguns tentaram ajudar, ligando para chamar uma ambulância, outros ficaram apenas assistindo, por curiosidade mórbida.

Hugo finalmente foi levado a um hospital, mas já chegou lá sem vida. Só depois conseguiram entrar em contato com os pais. O último a saber foi Daniel. Ao receber a funesta notícia, deitou no colo de Rosana e chorou feito criança — mas era um choro doído, um misto de tristeza e raiva.

— Isso não pode ter ocorrido! Não é justo! — foi o que repetiu por toda a noite.

VINGANÇA

Um mês havia se passado desde a morte de Hugo. O clima de tristeza no condomínio ainda não havia passado. Daniel se isolou dos amigos por todo esse tempo. Até que, uma noite na quadra, ele se reuniu com os amigos para conversar. Estavam lá Guilherme, Rodolfo e Rosana.

— Sabe, ainda não me conformei com o que aconteceu com meu irmão.

— Nós também, não, cara. — respondeu Rodolfo.

— O que mais me dá raiva é saber que o Nuno tá livre, como se não fosse com ele.

— Ele me parece meio abalado — disse Rosana.

— Só parece. Acho que ele precisa de uma lição.

— Em que você tá pensando, cara?

— Rodolfo, queria fazê-lo pagar pelo que fez.

— Não é uma boa ideia, não mesmo! — Rodolfo foi incisivo. — Quanto mais você mexer nisso, pior.

— Talvez, mas também não posso fugir disso. Vocês viriam comigo? Ele volta da escola de ônibus, poderíamos encontrar com ele amanhã.

— Por que quer a gente nisso? Não te entendo...

— Porra, Rodolfo, vocês são meus amigos. Estão comigo ou não?

— Olha, acho que Daniel tem razão. — disse Guilherme — O Nuno está escapando dessa muito fácil.

— O que vocês estão pensando em fazer, hein? — Rosana estava preocupada com o rumo que a conversa tomava.

— Não sei ainda... — Daniel olhava para o nada ao falar — Alguma coisa tem de acontecer com ele.

— Daniel, você vai botar sua vida a perder, não faça nenhuma bobagem — ela disse, já imaginando o pior.

Todos ficaram relutantes, mas acabaram combinando de se encontrar de manhã.

No dia seguinte, ao meio-dia, Nuno saiu da escola. Quando se dirigia ao ponto de ônibus, foi abordado por Daniel e companhia.

— Nuno, quero falar contigo!

O garoto se assustou, e correu dos quatro. Daniel foi atrás dele, e os demais o seguiram. Depois de algum tempo, Nuno cansou. Foi alcançado por Daniel, que o segurou pelos cabelos.

— Não fuja de mim, porra!

Quando os outros chegaram, Daniel falou para que o seguissem. Caminharam por algumas ruas. Daniel, que aprendera a dirigir com o pai aos doze anos, tinha pegado o carro escondido. O automóvel estava estacionado em um local distante da escola de Nuno.

— Entrem todos!

— Para onde vamos? — Rosana estava bastante assustada.

— Não interessa! Entrem!

Todos sentaram. Rosana sentou no banco do carona e os garotos no banco de trás, com Nuno no meio. Daniel deu a partida, e pegou a estrada para Magé.

Dirigi sem responder a pergunta alguma.

Depois de um tempo, saiu do asfalto e entrou no mato. Mandou todos saírem. Nuno então chorou compulsivamente.

— Foi sem querer. Não faz nada comigo.

— Cale a boca! — Daniel então pegou o revólver do pai, que pegara escondido do pai e carregava sem ter avisado aos amigos, e atirou no menino. Enquanto Nuno caía e cuspiam sangue, agonizando, Daniel tremia as mãos, dirigindo um olhar perdido aos colegas..

— Daniel... Por que fez isso? — Rodolfo chorava. Rosana e Guilherme estavam atônitos, sem saber o que fazer. O assassino apenas abriu o portamalas do carro e retirou de lá quatro pás.

— Cavem! — ordenou Daniel, segurando o choro.

— Não vou cavar porcaria nenhuma! — gritou Rosana.

— Então vai ser acusada de cúmplice. Todos vocês serão se um dia descobrirem o corpo dele — gritava nervoso, com os olhos marejados.

— Seu louco, ele ainda está vivo! — indignou-se Guilherme.

— Não seja por isso! — Daniel respirou fundo e deu outro tiro em Nuno, que ainda estava no chão. — Vamos. Quanto antes terminarmos, melhor!

Rosana aproximou-se do namorado e cuspiu no rosto dele. Depois, pegou uma das pás e começou a cavar, chorando. Os outros dois logo também estavam cavando.

— Você é um filho da puta, cara! Não devia ter nos metido nessa! — Rodolfo não se conformava.

Quando a cova ficou pronta, Daniel arrastou Nuno e o jogou dentro do

buraco. O menino estava inerte. Começaram então a enterrá-lo. Em certo momento, Nuno começou a tossir.

— Puta que pariu! Ele ainda está vivo! — Rodolfo ficou ainda mais desesperado.

— Não por muito tempo! — Daniel, derramando lágrimas de raiva, jogou terra no rosto do garoto até cobri-lo por completo. Rodolfo largou a pá, chorando. Guilherme e Rosana continuaram o enterro, até terminá-lo.

Voltaram para Niterói sem trocar palavras. Quando chegaram ao condomínio, cada um foi para sua casa. Nunca mais saíram juntos ou se encontraram. No mês seguinte, Daniel e sua família mudaram-se mais uma vez. A polícia procurou Nuno, sem sucesso. Foi declarado desaparecido, a investigação foi arquivada e ele jamais foi encontrado.

OITO ANOS DEPOIS

Rosana estava no laboratório da faculdade. Acabara o horário do estágio da faculdade de Biomedicina. Retirou o jaleco, soltou seu cabelo negro e arrumou suas coisas na mochila para ir embora. Passara a tarde inteira manipulando bactérias, tudo o que desejava era deitar na sua cama e descansar.

Pegou o ônibus que ia para Niterói já lotado, teria que sair do Fundão, pegar a Avenida Brasil, atravessar a Ponte para só em Niterói conseguir um lugar sentada. De certa forma já estava acostumada com essa rotina, mas ainda assim se irritava toda vez que ficava em pé. Quando passou em frente à FIOCRUZ o celular tocou. O número era desconhecido.

— Alô?

— Oi. É a Rosana que está falando?

— Quem quer falar?

— Sou eu, o Daniel. Ainda lembra de mim, né?

Por um instante ela ficou em silêncio. Passara os últimos oito anos tentando se esquecer, e agora ele pergunta se ainda se lembra dele.

— Lembro sim. Como te esquecer?

— Sei que não nos falamos há tempos, mas tenho que conversar com você.

— Olha, estou no ônibus agora, fica meio difícil.

— É o Rodolfo. Ele morreu hoje de manhã. A mãe dele me ligou, ainda tinha o telefone da minha mãe. Liguei pra sua casa e sua empregada me passou seu

celular. O funeral será amanhã, no São João Batista.

— Do... Do que ele morreu?

— Foi suicídio.

OUTRO FUNERAL

Rosana compareceu ao funeral. Vestia um longo vestido preto, e botas de couro da mesma cor. Logo encontrou Daniel. Não se falaram, mas foram juntos dar os pêsames aos familiares. Pouco depois chegou Guilherme, sozinho. Sua irmã estava na Europa, por isso não pode ir.

Rodolfo não havia passado em vestibular algum. Arranjava bicos aqui e ali, mas nos últimos anos sofreu uma profunda depressão. Depois que um namoro de três anos acabou, ele se entupiu de remédios e deixou de viver.

Enquanto o caixão era levado ao local onde seria enterrado, os três finalmente conversaram.

— Quer dizer então que você está estudando biomedicina? — perguntou Daniel.

— Sim, me formo o ano que vem. E você, o que está fazendo?

— Acabei de me formar em Direito, agora estou estudando pra prova da OAB.

— E você, Guilherme?

— Tô me formando em Engenharia Eletrônica.

— Legal... Bom saber que vocês estão bem — afirmou Daniel.

— E seus pais, como estão? — questionou Rosana.

— Meu pai está morando em Manaus com a nova esposa. Minha mãe tá morando com a minha avó. Ela não encarou o divórcio muito bem...

— Sinto muito.

— Tudo bem.

O enterro então prosseguiu. Os três ficaram em silêncio, não se olharam em momento algum. Rosana passou o tempo todo de cabeça baixa. Quando terminou, todos foram embora, menos eles. Ficaram olhando pro jazigo, meio constrangidos. O nome de Rodolfo na lápide era uma visão incômoda para eles.

— Vocês acham que o que fizemos tem a ver com isso? — Guilherme perguntou mais a si mesmo do que para os colegas.

— Vamos esquecer aquilo, é o passado — respondeu Daniel.

— Acho que Rodolfo não esqueceu! — Rosana, furiosa, deu as costas e partiu.

— Rosana! Calma... — Daniel gritou.

Ela respirou fundo, se virou para eles e disse:

— Por favor, não me procurem nunca mais. Não quero nunca, nunca ver vocês novamente, nem em seus enterros. Esqueçam de mim!

Os dois rapazes se entreolharam, sem saber o que dizer. Rosana deixou-os e foi para casa.

Guilherme saiu logo depois. Daniel então ficou sozinho, olhando para o túmulo do antigo colega. Depois de anos carregando o peso da morte de uma pessoa, agora sentia-se responsável por mais uma morte. Olhou para suas mãos e imaginou-as sujas de sangue. Queria ter coragem de pegar a antiga arma do pai e se matar. Era o que achava que merecia, desta vez não tiraria a vida de inocente algum. Mas sabia que não conseguiria fazer isso. O suicídio exige uma nobreza que ele sabia que nunca teria. E, no fundo, seu maior castigo era

permanecer vivo, não tendo nem o direito de ter boas lembranças do irmão, maculadas pelo ato hediondo que cometera.

Daniel então foi à praia. Sentou na areia para observar o pôr-do-sol. Apesar da noite chegando, ainda sentia um calor infernal. Naquele momento, percebeu que o calor permaneceria com ele até o fim da vida, pois quem construiu seu inferno fora ele mesmo. Neste inferno não havia diabo nem demônio algum, mas apenas o vazio, a culpa e a solidão.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br